



Visão

03-10-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Política

Dimensão: 1032

Imagem: S/Cor

Página (s): 42 a 44

PORTUGAL CENÁRIOS



Passos com tolerância até saída da 'troika'

O primeiro-ministro corre o risco de ser queimado em lume brando, até a *troika* sair do País e estar garantido um empréstimo cautelar. Já Seguro promete trabalhar com vista à «maioria absoluta»

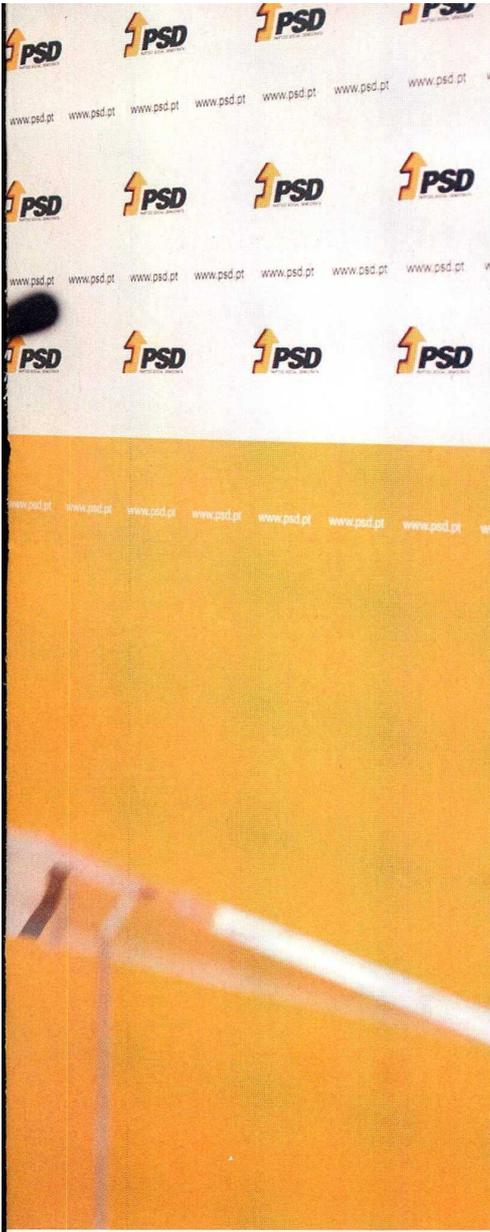
POR SÓNIA SAPAGE E FILIPE LUÍS

E, no dia seguinte, os mercados não reagiram. Este bem podia ser o epílogo de uma noite eleitoral em que, a acreditar na declaração de Passos Coelho de fidelidade ao rumo traçado, tudo mudou para que tudo fique na mesma. Passos reagiu com frieza à derrota e nem um músculo do rosto se lhe mexeu ao reiterar a intenção de prosseguir a mesma política. Os mercados terão acalmado, mas

o PSD não. Nos corredores do principal partido do Governo, não parece restar pedra sobre pedra: o PSD fragmentou-se em candidaturas independentes rebeldes, depois de cisões polémicas. Os dirigentes nacionais tendem a culpar os dirigentes locais. E estes preferem castigar os dissidentes, expulsando os que ainda estão no partido. Entre os acusados, há, porém, históricos difíceis de defenestrar, como Miguel Vei-

ga, Valente de Oliveira, António Capucho. E quem se atreve a tocar em Rui Rio, apoiante «implícito» de Rui Moreira contra Luís Filipe Menezes, no Porto, se o agora cessante autarca é o abono de família dos socialistas-democratas, em caso de substituição de Passos e eleições antecipadas?

No Largo do Rato, embora mais calmo, o ambiente não é totalmente simpático para António José Seguro. Alguns contestatários consideram a percentagem de votos, 36%, claramente modesta, atendendo ao momento político do Governo. «Muito longe da maioria absoluta e sem, élan para lá chegar», dizem-nos. Para não falar da perda «desnecessária» de bastiões que podiam continuar na orla socialista, como Matosinhos ou a Guarda. O discurso oficial, nesta quinta-feira, 3, na reunião da Comissão Política, é o de que o PS partiu de 28%, nas legislativas de 2011. Que os independentes não concorrerão a legis-



Vida nova Pedro Passos Coelho antes de proferir o discurso a reconhecer a derrota – mas a manter o rumo. Um pouco mais tarde, Seguro pedia que se tirassem ilações. Quais são elas?

lativas (embora os respetivos votos possam ser divididos por vários partidos...). E que se o PS perde cidades como Braga em autárquicas, não perderá nesses locais em legislativas. É certo que um resultado como o de Lisboa também não é repetível em eleições mais «a doer», para a Assembleia da República. Mas o Alentejo agora perdido bem poderá votar útil, no PS, mais tarde. Na reunião desta noite, Seguro não deixará de enfatizar que o PS ga-

Apesar da derrota pesada, as circunstâncias do País deverão adiar a hipotética morte política de Pedro Passos Coelho

nhou por mais de 50% em 73 das 149 câmaras conquistadas. À VISÃO, António José Seguro reafirma que o partido pedirá, nas próximas eleições, «uma maioria absoluta». O principal tema do argumentário eleitoral do PS vai ser o da necessidade de «o País ter estabilidade». Seguro evitou reivindicar a demissão do Governo, na noite eleitoral, mas exigiu a Passos que «tire ilações». Esclarecendo, explica à VISÃO: «A primeira seria a de alterar a política chumbada nas urnas; mas já se percebeu que não o fará, pelo que o PS mantém a decisão de votar contra o Orçamento».

A principal tarefa de Seguro, esta semana pós-eleitoral, tem sido a de convencer os mais cétricos de que a vitória nas autárquicas foi mesmo «fantástica» e, com isso, concorrer com o *score* incrível de António Costa em Lisboa, ou mesmo, desvalorizá-lo. O presidente da Câmara lisboeta terá, para já, o caminho tapado no PS e o seu plano B, se quiser mais altos voos, será o de encetar uma candidatura a Belém. Seja como for, esta larga legitimidade eleitoral passa a constituir-lo como a única reserva do partido para substituir ou desafiar Seguro. «Mais do que nunca, está à espreita!», garante-nos um «costista».

Passos em lume branco

Apesar dos resultados eleitorais, «as circunstâncias do País adiarão a morte política anunciada de Passos Coelho». É assim que um antigo deputado do PSD, que não se revê na atual equipa dirigente do partido, resume

o futuro próximo do primeiro-ministro.

Ainda que, na noite das autárquicas, alguns sociais-democratas tenham sugerido a antecipação do Congresso ordinário de março do ano que vem – um deles foi Marques Mendes –, esta fonte da VISÃO defende que o caminho a seguir será outro. E explica: «Por uma questão de *timing*, Pedro Passos Coelho não terá ninguém com verdadeiro estatuto, a disputar com ele as próximas diretas. Não pode dar-se a situação de o poder partidário não estar nas mãos do primeiro-ministro e ninguém aceitaria que o principal partido do Executivo entrasse em ebulição, desencadeando uma crise política antes do fim do resgate, em junho de 2014.» Significa isto que, na opinião desta fonte, o PSD viverá uma fase de reflexão, no rescaldo das eleições autárquicas, mas sem consequências para a liderança. «Passos ainda terá de comer o ‘doce’ que vão ser os resultados das europeias, em meados de 2014, mas já não será ele o candidato do PSD às próximas legislativas, isso é garantido», diz o antigo deputado.

Neste cenário, Rui Rio continua a ser a imagem do salvador da pátria «laranja», reforçada, agora, pela derrota de Luís Filipe Menezes perante Rui Moreira (o independente que alguns fiéis de Rio apoiaram). «O poder que agora fica vivo no PSD já não é o de Menezes e Passos, é o de Rui Rio. E estes resultados perspetivam a oportunidade para uma profunda regeneração do partido», diz um antigo dirigente do PSD que participou ▶



Na calha António Costa e Rui Rio foram, cada um à sua maneira, vencedores. O futuro é risonho?

- num almoço de convívio, em Lisboa, com o ainda presidente da Câmara do Porto, antes das eleições. O repasto realizou-se num hotel da Expo, no dia 25 de setembro, e terá contado com a presença, entre outros, de António Capucho e Manuela Ferreira Leite.

Até à regeneração

Para já, não há sinais de que a profunda regeneração do PSD comece imediatamente. O Conselho Nacional, que teve início na terça-feira à noite, perto da hora de fecho desta edição, era encarado por alguns sociais-democratas como o tiro de partida para um «ajuste de contas» e para um «processo de fragilização interna da liderança».

Se, por um lado, alguns conselheiros se preparavam para exigir a demissão de dirigentes que «perderam em toda a linha», outros queriam «abrir o processo de expulsão de candidatos laranja que concorreram contra o PSD, provocando rombos eleitorais».

Marco Almeida, um dos possíveis alvos de processo de expulsão (assim como António Capucho), não deixou passar a noite de 29 de setembro sem dizer, após luta renhida em Sintra: «Não me move nada contra ninguém, mas acho que todos devem tirar as suas ilações.» Referia-se, certamente, aos dirigentes nacionais e distritais que não permitiram que o PSD apoiasse a sua candidatura.

Miguel Pinto Luz, presidente do PSD/Lisboa, logo reagiu: «Uma organização que não se rege por regras corre o risco de se autodestruir. Os estatutos do PSD são claros: alguém que se apresente em listas em oposição ao partido ou que as apoie, cessa automaticamente a militância. É automático.»

«Só me espanta que Pinto Luz não se tenha demitido – os resultados em Lisboa demonstram uma inabilidade total», disse, por sua vez, António Capucho. O antigo autarca de Cascais suspendeu a sua militância ativa há dois anos e não se mostra preocupado com este tipo de ameaças. Porque a oportunidade de regeneração existe. Resta saber qual o caminho que o PSD escolherá para lá chegar. ▣